

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

O BIZARRO DA HOMOSSEXUALIDADE NA SOCIEDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Elberth de Oliveira Bertoli¹

Resumo: O presente trabalho busca retratar o bizarro na sociedade brasileira, buscando como objeto principal para caracterização da repulsa neste meio social, a homossexualidade. Partindo de um princípio histórico, a pesquisa relata como diversas sociedades buscaram conviver com a realidade homoafetiva e o que as diferenciaram do que é hoje o pensamento brasileiro sobre este tema. A homossexualidade pode ser vista a partir de uma análise religiosa, onde cunha-se o pensamento do "abominável" sobre as relações de orientação sexual homossexual e dentro de um pensamento patriarcal, onde estabelece a cultura do "macho", com todas as suas formas de expressão reforçadas ao longo de séculos, sendo o princípio de padrão a ser vivido. Partindo de um confronto entre o passado – a visão heteronormativa - e o presente – a diversidade da sexualidade -, uma busca pela síntese parece se formar nos tempos atuais, fomentando uma mudança de mentalidade e de uma possível nova forma de ver as emoções e os sentimentos afetivos entre pessoas do mesmo sexo. Entretanto, ainda é possível perceber a homossexualidade colocada de lado e sendo vista como bizarra por parte de muitos.

Palavras chave: homossexualidade; bizarro; homofobia.

INTRODUÇÃO

A homossexualidade sempre foi um assunto de muito interesse na humanidade. Porém, na contemporaneidade a sexualidade toma uma nova nuance, baseada na diversidade sexual que hoje é focada pelos estudos na área da psicologia e da sociologia, uma vez que essa forma de expressão individual está intrinsecamente ligada a estrutura social que envolve a sexualidade de uma pessoa. Não é na atualidade que ela ganha maior notoriedade ou é observada com mais afinco, e nem tem uma busca por definições antes não cogitadas, já que isso são pesquisas que nunca deixaram de existir com maior ou menor grau de conhecimentos envolvidos.

Os progressos da ciência - e particularmente da psicanálise - reconduziram pouco a pouco o fenômeno homossexual a proporções humanas. Os trabalhos multiplicaram-se para colocá-lo novamente dentro do contexto da psicologia e da sociologia, para dele estudar a gênese e as modalidades, para dele medir as consequências no plano do indivíduo e da sociedade. (BAUDRY, 1977, p. 9)

¹ **Graduando em Ciências Sociais.**

Com maior precisão, este artigo deseja analisar o comportamento de uma sociedade diante daquele grupo de indivíduos que estão inseridos na orientação homoafetiva, entendendo o porquê da sociedade ainda possuir determinada dificuldade em acolher esta realidade sexual e permitir que os membros que dela fazem parte estejam inseridos, mas tratados como diferentes e bizarros, mesmo sendo participantes do novelo social a qual pertencem. Para tal, uma análise histórica e social sobre orientação sexual e gênero são imprescindíveis, bem como abordar aspectos psicológicos e antropológicos que nos orientem para compreender a repulsa sofrida por esse grupo social.

1 HISTÓRIA DA HOMOSSEXUALIDADE

A homossexualidade não é um assunto tratado recentemente dentro da história da humanidade, ela advém desde que o homem passa a perceber sua sexualidade e seus desejos nas relações com outras pessoas. Dizer que as relações homoafetivas e homossexuais possuem uma data precisa é afirmar um determinismo coexistente a um motivo para que ela passe a ter sentido. E isso não é possível de se saber. O que se tem como fatores realmente verídicos são os relatos ao longo da história da humanidade sobre este tipo específico de comportamento humano e que comprovam a veracidade da existência da homossexualidade desde os tempos mais remotos da humanidade.

Queira-se ou não - a homossexualidade é um fenômeno que existiu desde as origens da história humana e que sempre existiu e toda a parte. Foi diversamente interpretada, diversamente admitida, diversamente explicada, mas nenhuma sociedade a ignorou [...] A opinião da nossa sociedade a seu respeito não é nem universal nem eterna, e que é suscetível de evolução; melhor: que ela evolui sob os nossos olhos, em ritmo acelerado. (BAUDRY, 1977, p. 10)

Também é analisado, segundo Baudry (1977), que as diversas sociedades possuem uma relação não pré-determinada com a homossexualidade e que cada qual tem sua forma de olhar e de ser relacionar com os homens e mulheres que dela fazem parte, baseadas nas próprias relações que estão sendo desenvolvidas ao longo do processo políticos e sociais que a própria história ajudou e ajuda a construir sobre cada uma delas. Portanto, assim como uma sociedade tem sua peculiaridade ao se deparar com os homossexuais nela inserida (neste trabalho seriam os considerados bizarros, como propõe o tema deste estudo), assim também, pode ocorrer uma modificação de relação com esta realidade sexual com o passar do tempo, pois nenhuma sociedade é estática o suficiente para não se reorganizar com os diversos temas existentes dentro dela, diz ele:

Apesar da existência de dificuldades impostas por um poder contrário de origem social, apresentam-se comportamentos inovadores, e as instituições são passíveis de mudança desde que 'vários indivíduos tenham, pelo menos, combinado a sua ação e que desta combinação se tenha desprendido um produto novo' que vem a constituir um fato social. (p. 65)

O filósofo alemão Friedrich Hegel (1770-1831) constrói a concepção de história não sendo um simplório acúmulo e/ou fatos que se sucedem, mas a história da humanidade deve ser percebida através dos conflitos que permeiam a humanidade ao longo do tempo e faz com que ela se organize de tal maneira a gerar outra concepção histórica, e a este fato ele chamou de dialética histórica.

De resto, não é difícil ver que o nosso tempo é um tempo de nascimento e passagem para um novo período. O espírito rompeu com o mundo de seu existir e do seu representar que até agora subsistia e, no trabalho da sua transformação, está a mergulhar esse existir e representar no passado. Na verdade, o espírito nunca está em repouso, mas é concebido sempre um movimento progressivo. Mas, assim como na criança, depois de um longo e tranquilo tempo de nutrição, a primeira respiração – um salto qualitativo – quebra essa continuidade de um progresso apenas quantitativo e nasce então a criança, assim o espírito que se cultiva cresce lenta e silenciosamente até a nova figura e desintegra pedaço por pedaço seu mundo precedente. Apenas sintomas isolados revelam seu abalo. (HEGEL, 1974, p. 16)

Partindo desse princípio hegeliano, é natural que os embates sociais aconteçam de maneiras extremadas e que fatos existentes dentro de uma sociedade possuam suas divergentes maneiras de pensar, colocando o objeto a ser questionado como fonte de análise. A homossexualidade, no Brasil do século XXI, passa por essa situação de pensamentos opostos e que, de uma determinada maneira, estabelece uma importância na mudança de axioma, sentimentos e ações referentes ao gênero sexual humano. Uma antítese, que apesar de sofrer grande retaliação por parte de uma estrutura social estabelecida de períodos anteriores, pode vir a ser consolidada com o tempo, pois, segundo Quintaneira (2002, p 65), “uma proposta pedagógica que esteja em conflito com a concepção de educação de seu tempo por conter tendências do futuro, aspirações de um novo ideal, pode vencer os obstáculos e impor-se, tomando o lugar das ideias aceitas”.

O modo como se observa as pessoas homossexuais está consolidada na sociedade brasileira, isso não é algo estabelecido de agora, nem um fator novo que surge, é uma forma de observação e de absorção que vem de uma longa história da sexualidade com a sociedade. Se observar a vivência da sexualidade, por exemplo, na Grécia antiga e como as pessoas se relacionavam com as diversas maneiras de amar e estar com o outro, seria possível perceber os pontos distintos da sociedade brasileira tipicamente medieval em contraposição ao pensamento sexual da sociedade clássica, já que há o repúdio velado de amores “não convencionais” estabelecidos pelas normas sociais de séculos atrás. Para os gregos, não

somente a homossexualidade era um fato natural, como era transmitido pela família a naturalidade das relações, conforme Dover (1994, p. 14) refere:

Por que os atenienses do século IV a.C. aceitavam a homossexualidade tão prontamente, conformando-se, com tanta satisfação, a este hábito é uma questão que pode ser respondida imediatamente num nível superficial: eles a aceitavam porque seus pais, tios, avós também a aceitavam.

Porém, a sociedade brasileira vive o seu tempo e espaço dentro do período medieval, estabelecidos pela colonização europeia, em particular, o pensamento eclesial provindo com a chegada dos jesuítas e o período em que, durante a formação da sociedade brasileira, foi estabelecido os pudores cristãos e a forma vigente da religião de observar as relações, sejam elas afetivas ou sexuais, conforme os padrões bíblicos e mal fundamentados.

Foram ainda os jesuítas que representaram, melhor de que ninguém, esse princípio da disciplina pela obediência. Mesmo em nossa América do Sul, deixaram disso exemplo memorável com suas reduções e doutrinas. Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura do proletariado ou do Estado totalitário, chegou sequer a vislumbrar a possibilidade desse prodígio de racionalização que conseguiram os padres da Companhia de Jesus em suas missões. (HOLANDA, 1995, p. 39)

Não é de se estranhar então que um homossexual, inserido dentro de uma sociedade totalmente tolhida de um contexto histórico e sem a percepção de uma expressão sexual cabível ao século vigente, somente possa vivenciar essas manifestações de afastamento e isolamento, sendo tratado como bizarro, já que o fenômeno de sua manifestação na orientação sexual provoca um turbilhão de experiências para todos, gerando possibilidades e perigos na vida que é compartilhada por homens e mulheres em todo mundo, saindo do espaço protetor e único referencial possível da heteronormatividade.

Para toda forma de pensamento e de atividade humana, não se pode questionar a natureza e a origem dos fenômenos sem antes tê-los identificados e analisados, e também descoberto em que medida as relações que os unem bastam para explicá-los. É impossível discutir sobre um objeto, reconstituir a história que lhe deu origem, sem antes saber o que ele é; resumindo: sem ter esgotado o inventário de suas determinações internas. (STRAUSS, 1993, p. 14)

Este ser complexo que é a sociedade moderna encontra-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor. E muitas vezes o ser humano ou a sociedade está presa em si mesma, porque não gera um pensamento histórico para dar clarezas às suas ações, nem mesmo responder ao que em torno dela se manifesta, podendo de alguma forma gerar o repúdio e a denominação de aberração ou bizarro para sua concepção do que foge aos seus padrões da dita normalidade.

As sociedades humanas têm, segundo as épocas e segundo os países, adotado a seu respeito atitudes extremamente diferentes, indo da aceitação, até mesmo de idealização, à mais absoluta condenação. Considerando-a, às vezes, como um fenômeno de origem divina, às vezes, como uma forma superior de amor, às vezes, como abominação monstruosa, às vezes, como uma fantasia. (BAUDRY, 1977, p. 14-15)

A sociedade estabelece – diante de tudo o que foi construído como tese, segundo a sua história, como dito anteriormente – sendo uma ameaça a destruição de seus valores e conhecimentos. Um paradoxo ao seu estabelecimento de ordem e de conexões vivenciais, gerando angústia ao deparar com o diferente ao seu contexto e, ao mesmo tempo, a leva refletir sobre sua conduta, reavaliando-se e tornando consciente a possibilidade de existências contrárias dentro dela que antes não eram possível. Tais fatos geram mitos nostálgicos que embrenham sua consciência e estabelecem o paradoxo de aceitação-repulsão, por este motivo é mais forte a resistência da diversidade (pluralidade) do que a transformação de pensamentos arraigados durante séculos de contato com seu próprio existir no mundo.

2 O HOMOSSEXUAL É UM SER BIZARRO

Qualquer fenômeno que estiver fora dos padrões construídos pela sociedade é algo a ser repudiado pela própria estrutura que o cerca, ou seja, não há o acolhimento dessa “outra forma” de se apresentar.

É na justificativa racional dos modos de convivência que inventamos discursos ou desenvolvemos argumentos que justificam a negação do outro. Ensinamos às crianças, desde pequenas, a rejeitar certos tipos de pessoas e animais. Assim, se a mãe vê que seu filho quer brincar com um outro de quem ela não gosta, ela diz: “— Não brinque com esse menino, ele é um maltrapilho.” Isto acontece conosco sem nos darmos conta, porque vivemos numa cultura que faz isso, e temos que refletir para evitá-lo. Os cães dos ricos rosnam para os pobres. Para quem eles rosnam? Para a negação do outro que faz o rico. Estou usando a palavra rico para falar de uma pessoa que nega o outro com medo de perder o que possui. Meu cachorro sabe exatamente quem são meus inimigos. Como sabe? Porque eu os nego na minha dinâmica emocional, ao mover-me nos domínios de ação que ela traz. Se minha emoção é a rejeição, minha conduta é não aceitar o outro como um ser humano legítimo na convivência e, se pertencemos à mesma cultura, ele percebe, ainda que eu queira ocultar-lhe, porque pertencemos ao mesmo domínio de congruência estrutural. Não podemos evitar nossa biologia. E, além disso, para que evitá-la se ela nos constitui? O melhor é conhecê-la. (MATURANA, 2002, p. 71-72)

Como dito anteriormente, a dialética, portanto, seria a relação conflitante entre o fenômeno “estranho” que se apresenta e a estrutura social já determinada antes mesmo do surgimento do fato novo, gerando assim, uma profunda reorganização da sociedade, a síntese. Porém, é evitado ao máximo esse confronto, já que seria uma ruptura muito forte para as consciências nela existente. O imaginário coletivo e, portanto, a consciência coletiva tem uma impregnação de anos de imposição, sem uma contraposição visível, porém, camuflada. O

que a sociedade brasileira traz consigo durante anos é a concepção de uma ideia totalmente voltada para o modelo clássico da sociedade medieval, onde o estabelecimento de apenas uma expressão afetiva e relação sexual pode ser apresentadas: o ser homem e ser mulher. Além de um ser feito para o outro como um quebra cabeça, onde não há a possibilidade de qualquer outro encaixe, seja no campo afetivo, sexual e até mesmo psicológico, o homem foi feito para a mulher e a mulher para o homem. E quebrar essa dogmática, possui um valor de quebra familiar tradicional e demonstração da fragilidade da própria sociedade, que ao romper seus padrões, se verá obrigada a reintegrar sua consciência dos fatos, repelindo os conceitos mitológicos eclesiais, substituindo pelos conceitos científicos empiricamente comprovados.

[...] Discurso da ciência e o discurso do capitalismo. São os dois discursos prevalentes da modernidade que, desde o início, desde o aparecimento de cada um, começou a destruir a estrutura tradicional da experiência humana. A dominação combinada dos dois discursos, cada um se apoiando no outro, tem crescido a tal ponto que essa dominação tem conseguido destruir, e talvez romper, até os fundamentos mais profundos da tradição. [...] A suposição de um saber no real me parece um último véu que precisa ser levantado. Se há um saber real, há uma regularidade que o saber científico permite prever. O saber científico permite prever. Ora, ele tem orgulho de prever, na medida em que isso demonstra a existência de leis e que não é necessário um enunciador divino para que elas permaneçam vigentes. (MILLER, 2002)

Também vale ressaltar que não apenas Hegel trabalha uma dialética antagônica, mas também Freud e Karl Marx, ambos com seus respectivos objetos, se observarmos apenas o conceito teórico. Porém, dentro de uma análise da sociedade, a partir da visão dessas duas figuras emblemáticas no campo da ciência social e da psicanálise, respectivamente, ambos possuem um ponto em comum que é a saída da realidade enquanto verdade – momentânea – absoluta e o encontro da verdade-em-si, ao contemplar que ambos observam o que de fato ocasiona a realidade-em-si mesma, como afirma Althusser (1964, p. 78).

Marx e Freud se aproximariam, portanto, um do outro através do materialismo e da dialética, com a surpreendente vantagem, da parte de Freud, de haver explorado figuras dialéticas muito parecidas com as de Marx, mas, às vezes, inclusive, mais ricas que estas e como que esperadas pela própria teoria de Marx.

O Brasil não possui acesso a sua história de sexualidade, a ele não cabe um pensamento diferente do que foi gerado anteriormente, ou seja, a entrada do pensamento eclesial provindo com a chegada da Igreja na figura dos jesuítas e outras ordens, posteriormente. Sem esse dado histórico na análise da consciência coletiva, sem um marco da sexualidade brasileira no quesito homossexualidade, fica extremamente complicado ter acesso àquilo que move o seu inconsciente coletivo. Romper com essa “verdade” aparente é extremamente

desgastante para uma sociedade que viveu desde a sua existência com apenas um formato familiar ideologicamente proposto, porque é uma versão familiar extremamente mítica-religiosa, e sem nenhum tipo de estrutura que viesse a confrontá-la, permanecendo como a única forma de orientação sexual vigente: a heterossexualidade.

Estamos dentro do espaço ideológico propriamente dito no momento em que este conteúdo (...) é funcional a alguma relação de dominação social (“poder”, “exploração”) de maneira intrinsecamente não transparente: para ser eficaz, a lógica de legitimação da relação de dominação tem que permanecer oculta (ZIZEK, 2010, p.13- 14).

Entretanto, desde sempre existiu homossexuais e desde sempre existiram travestis dentro da sociedade brasileira. Então, porque esses gêneros e orientações não impunham sua presença? Como eles ficaram a margem de uma sociedade por tanto tempo sendo notados, mas não sendo inseridos, inclusos? Como eles não provocaram nenhum tipo de dialética para romper com a estrutura social que não possibilita, por exemplo, o casamento civil igualitário nos tempos atuais?

Num país onde a maioria da população brasileira se denomina cristã desde o fim do século XIX², é natural que toda a organização da sociedade no Brasil esteja entrelaçada pela consciência coletiva e pela solidariedade mecânica oriunda da religiosidade. Ora, é sabido da relutância das Igrejas cristãs em aderir em seu interior a acolhida aos gays e lésbicas, transexuais em suas mais diversas formas de expressão, seja aqueles que fizeram a redesignação sexual, seja aqueles que apenas se vestem conforme o sexo que se identifica ou a orientação que segue. Segundo Endsjo (2014, p. 172), “embora possamos encontrar proibição ao sexo entre pessoas do mesmo gênero em boa parte das religiões atuais, são as ocidentais – judaísmo, cristianismo e o islã – as que possuem um histórico mais negativo nesse aspecto. O cristianismo se destaca como a mais agressiva delas”.

Portanto, é o pensamento religioso que fortalece essa parede de repulsa que gera esse repúdio para que possam considerar uma aberração sexual, ou mais claramente, abominação: “Uma

² Segundo informações do site do IBGE, o número de cristão católicos eram de 9.902.712, enquanto o número de evangélicos só passou a ser contabilizado a partir de 1890, contabilizando 143.743 cristão de denominação evangélica. Em 2010 foram contabilizados um número de cristãos, tanto católicos quanto de evangélico, de 165.555.612, mostrando o grande número de seguidores que ainda há das religiões cristãs no país.

Dados na página do IBGE:

<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=10&op=0&vcodigo=POP60&t=populacao-religiao-populacao-presente-residente>

mulher não usará vestes de homem; um homem não se vestirá com um manto de mulher, pois quem quer que assim proceda é uma abominação para o Senhor, teu Deus”³.

Portanto, com um princípio religioso pautando a vivência social com relação aos homossexuais, estabelecendo um padrão normativo vivenciado pela experiência apenas estabelecida pela relação e pela expressão masculina e feminina determinada a cada gênero, especificamente, a sociedade passa a ter padrões que podem ser considerados heteronormativos.

Na verdade, nossos conceitos de "natural" e "não natural" não são tirados da biologia, mas da teologia cristã. O sentido teológico de "natural" é "de acordo com as intenções de Deus", que criou a natureza". Os teólogos cristãos afirmam que Deus criou o corpo humano com a intenção de que cada membro e órgão servisse a um propósito em particular. Se usamos cada membros e órgãos para o propósito previsto por Deus, trata-se de uma atividade natural Usá-los de maneira diferente da intenção de Deus não é natural. (HARARI, 2015, p. 155)

É justamente este padrão da heteronormatividade que dá ao fato social homossexualidade o caráter de “bizarro”, já que este foge aos padrões e a hegemonia que prevalece há tantos anos da maioria sobre a minoria. Manter essa perspectiva de uma vivência baseada na heteronormatividade não é excluir, deixar de fora um discurso sobre a homossexualidade, mas é fazer com que ela se torne diferente, se torne uma vivência que foge aos “padrões naturais de uma vida normal”, ou seja, acaba ocorrendo que ao invés de observar que a homossexualidade está no meio da sociedade e ela existe, passa-se a acreditar que é um estilo de vida adotado por pessoas e que ao se tornar um estilo de vida ele pode ser alterado, reavaliado e até mesmo colocado como bizarro para uma sociedade, já que não está no “ser” pessoa, mas está no mérito de apresentação da pessoa diante do outro (sociedade), o que reforça a “superioridade” das relações e vivências heterossexuais.

Esse modo de compreender a sociedade ajuda a apreender o gênero bem melhor que o liberalismo, na medida em que o gênero é um conceito intrinsecamente relacional. Trata-se, assim, de determinar qual é o “papel da mulher”, mas por contraste ao papel dos homens considerado como a norma. Esses papéis não são “acidentais” para os indivíduos e eles podem ser empreendidos somente em termos das relações sociais de poder. Se as escolhas dis homens e das mulheres integram o processo de manutenção da estrutura de gênero, deve-se compreender tais escolhas no contexto de tais relações de poder. (HOLMSTROM, 2014, p. 345)

A expressão do gênero está baseada nos diversos discursos, linguagens e símbolos, regras e representações, que a geram no indivíduo, saindo do caráter puramente biológico. Ora, uma

³ Deuteronômio 22, 5.

vez que esta formação do gênero humano se constrói com relação entre indivíduo e sociedade, podemos também concluir que as diversas instituições que dela fazem parte, contribui para a formação do que é o ser homem e o ser mulher. Criando uma idealização de perfis masculinos e femininos que extrapolam a própria barreira do corpo biológico, fazendo com que o homem e a mulher busquem a adequação de seu interior ao seu exterior.

Ser homem e ser mulher é uma tarefa muito complicada e exigente. Como a maior parte das qualidades masculinas e femininas são culturais, e não biológicas, nenhuma sociedade coroa automaticamente cada pessoa do sexo masculino como homem e cada pessoa do sexo feminino como mulher. Tampouco cada um desses títulos são louros sobre os quais descansar assim que adquiridos. Os indivíduos do sexo masculinos precisam provar sua masculinidade constantemente durante toda a vida, do berço ao túmulo, em uma série interminável de ritos e performances. E o trabalho de uma mulher nunca tem fim – ela deve, continuamente, convencer a si mesma e aos demais de que é feminina o bastante. (HARARI, 2015, p. 158)

Uma vez que a própria expressão da sexualidade não está delimitada apenas em uma única expressão, a sociedade não consegue transpor a barreira nela existente e recalcada de uma vida sexual diversificada que há dentro dela. Então, a fim de não se deparar com suas próprias mazelas e desejar não oferecer risco algum para uma “quebra interior”, ela deseja e observa quem a expressa e mostra a verdadeira faceta da sexualidade, de fora, longe de suas limitações e, desejando por certo modo, que tais fatores não possam mostrar quem realmente ela é.

O dizer que tais comportamentos sexuais na sociedade são bizarro, estabelece, também, um não confronto com as próprias misérias e retifica a sua própria construção de sociedade relacionada aos anos que foram castrados pela religião e que não permite ao homem e mulher o alcance de seu corpo, mas apenas naquilo que tange a própria alma, único arcabouço da salvação divina, como prioriza a Igreja.

Quando os que creem praticam, quando oram, quando dançam em volta de um totem ou louvam suas divindades, não é tanto para um Deus ou para um poder sobrenatural e sim para a própria sociedade: eles veneram o próprio princípio social, a coesão social. A fonte de todas a religião, e isso vale desde suas formas mais elementares até as mais complexas, é a sociedade. [...] Por outro lado, e ao mesmo tempo, ele eleva o social ao sagrado. A religião, ao organizar o culto e a prática dos homens, sacraliza o social. (BORBINEAU, 2011, p. 22-23)

Não se pode tratar a homossexualidade como um fator bizarro, separado da sociedade como um todo. Ela é também construção da própria sociedade e como tal, ela precisa da própria sociedade para sobreviver e a sociedade, dentro de seu pensamento limitado – quando excluí

os homossexuais –, sem construção histórica da própria sexualidade, necessita dela para se manter de pé com suas crenças fixas sobre a sexualidade como única e imutável.

Também é importante salientar que, dentro de uma perspectiva mítica de gênero, o homossexual é visto como um ser frágil, onde remete sempre a passividade na relação sexual feminina provinda de um pensamento machista e/ou misógino. Diante de uma sociedade que ainda não percebeu a mulher como parte fundante da sociedade, que ajuda a construir alicerces junto com o homem, seja no trabalho ou nas relações sociais em geral, é natural que a fragilidade feminina seja transferida para uma expressão de gênero homossexual. Trata-se de uma diferença simbólica dada as representações que, também, a sociedade trouxe ao longo de seu processo histórico e que torna-se um imaginário coletivo, o que não condiz com a verdade, em relação aos homossexuais – também com as mulheres.

Independentemente de como a sociedade definia “homem” e “mulher”, ser homem sempre foi melhor, sociedades patriarcais educam os homens para pensar e agir de modo masculino e as mulheres para pensar e agir de modo feminino, punindo qualquer um que ouse cruzar essa fronteira. [...] Qualidades consideradas masculinas são mais valorizadas do que aquelas que são consideradas femininas, e membros de uma sociedade que personificam o ideal feminino recebem menos do que aqueles que exemplificam o ideal masculino. (HARARI, 2015, p. 161).

Se essa representação viva do homossexual como objeto frágil e sem a possibilidade de defesa, e que de alguma forma representa uma afronta à masculinidade existente na mentalidade da muitos brasileiros, nada mais comum que estes sejam deixados à margem de uma sociedade – principalmente se estiverem travestidos como mulheres ou façam alguma operação de redesignação sexual – e sofram algum tipo de violência, principalmente, violência física.

Também é importante salientar que, em uma sociedade moderna, o indivíduo é quem doa a sua liberdade para a sociedade e não a sociedade que se molda os estabelecimentos vivenciais do indivíduo. Sendo assim, naturalmente os homossexuais se veem voltados a realizar aquilo que a sociedade deseja, tendo em vista que a sua própria existência, enquanto ser relacional, prevaleça intacto – mesmo que interiormente castrado de sua verdadeira pulsão sexual, voltada para o mesmo sexo. O bizarro, no que tange a homossexualidade, está justamente na não adequação dos padrões heteronormativos na sociedade brasileira, que rompe com a criação de modelos idealizados de família, relacionamentos entre pessoas de sexos opostos e relações sexuais somente entre homem e mulher, determinados ao longo da construção do

imaginário social, e que aos poucos, dentro de uma “lógica” ideológica, está sendo quebrada pela superexposição midiática e pela consciência de que o consumo por parte dos homossexuais é uma grande renda para o mercado financeiro.

CONCLUSÃO

O Brasil possui uma história extremamente curta de colonização europeia, porém, deixou uma grande marca em nossa civilização. Aderir ao pensamento de que estamos livres de qualquer domínio metropolitano é negar a nossa própria história e tudo o que hoje estamos sofrendo de ações e reações, baseados em pensamentos provenientes de um legado deixado a nós tempos atrás.

Um desses imaginários que nos foram deixados chega até nós por meio do ensino da Igreja, ao desembarcar em nossas terras, mostrando a sua força de persuasão e de encontro com culturas determinadas por elas mesmas como fora dos padrões estabelecidos por “Nossos Senhor Jesus Cristo”. E dentre esses muitos ensinamentos, estava a premissa de que todos os afetos homoafetivos e todas as relações sexuais que não viessem da vivência entre homem e mulher, apenas, era demoníaca, e digna de ser exterminada no fogo do inferno.

A este pensamento que foi perdurando até nós e a essa sexualidade que muitas vezes nos apresenta como recalcada e totalmente castrada de uma liberdade de expressão, ao se apresentar em sociedade de maneira direta, sem mediações, causa um espanto e uma repulsa da sociedade conservadora, principalmente, daqueles que de alguma maneira estão diretamente ligadas à religião, enquanto razão e dominação tradicional. O ser bizarro, nada mais é do que aquilo que foge aos padrões convencionais a nós estabelecidos, sem uma prévia de discussão ou qualquer tipo de avaliação do motivo da sua existência ou de imposição a nós como uma aberração.

A construção histórica da sociedade atual não pode ficar desvencilhada de seu passado, que ao estar em contínuo existir, vivencia todas as suas experiências pautadas sob a tutela de uma religião que torna impositora e castradora de opinião. Nela, podemos dar o verdadeiro

sentido de Lacan, ao escrever *Em Nome do Pai*, onde a ligação de uma entidade que seja limitadora de ações é quem determina os limites a ser empreendidos pelo ser humano, dentre eles, a escolha da própria orientação e da identidade que busca assumir em seu meio social. Ora, se de alguma maneira ao estabelecer que a força limitadora da expressão da sexualidade através das relações ou da identidade de gênero esteja dada pela Igreja naquilo que condiz com as ações humanas, é impossível pensar um indivíduo livre em seu perfeito estado de consciência, mas levado a ser aquilo que não está inteiramente ligado ao seu verdadeiro “ser social”.

A homossexualidade é um fato social existente em todas as sociedades, na sociedade brasileira não é diferente. Com sua forma de expressão, com suas lutas pela legalização civil de seus direitos, ela se vê totalmente fadada a ficar representada por pensamentos medievais idealizados e continuados até o momento presente. Sua exposição tanto no dia a dia quanto pela mídia, faz um confronto com a sociedade que se vê obrigada a repensar suas condutas e sua forma de tratar o ser humano que possui outra forma de se colocar diante dele mesmo de dos outros. Nessa dialética entre o ideal e o real, entre o que pensa que se é e o que realmente é, está a dinâmica de uma sociedade que se reinventa e se coloca como um organismo auto organizador.

A importância desses confrontos está em trazer para o meio da sociedade o objeto de estudo que aqui foi colocado, a homossexualidade excluída e tratada como algo bizarro por parte da sociedade, principalmente, quando estes são aqueles que se expõe ao modificar seu corpo e travesti como o sexo oposto.

A cada dia podemos perceber uma aceitação e um questionamento surgindo na mente das pessoas: “por que não?”. Porém, ainda é grande a busca pela liberdade de ser parte de uma sociedade que vive dentro das capelas e participantes de cultos, lugares onde pregam uma ordem exata, sem erro e sem nenhum motivo para ser quebrada, pois dogmas estão para ser vividos e não questionados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, M. L. de O.; OLIVEIRA, M. G. M. de. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim, Weber.** 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

BAUDRY, André; DANIEL, Marc. **Os homossexuais.** Trad. J. Dart. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1977.

BOBINEAU, Olivier; TANK-STORPER, Sébastien. **Sociologia das religiões.** São Paulo: Edições Loyola, 2011.

DUDLEY, Will. **Idealismo alemão.** Tradução de Jacques A. Wainberg. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

ENDSJO, Dag Oistein, **Sexo & Religião: do baile de virgens ao sexo sagrado homossexual.** Tradução de Leonardo Pinto Silva. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

DOVER, K.J. **A homossexualidade na Grécia Antiga.** Trad. Luís S. Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade.** Tradução de Janaína Marcoantonio. 3ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2015.

HEGEL, Friedrich. **A fenomenologia do espírito.** São Paulo: Abril Cultural, 1974.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLMSTROM, Nancy. Como Karl Marx pode contribuir para compreensão do gênero?. In: CHABAUD-RYCHTER, D. et al. **O gênero nas ciências sociais: releituras críticas de Max weber a Bruno Latour.** São Paulo: Editora UNESP, 2014.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Tradução de José Fernando Campos Fortes. 3ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MILLER, Jacques-Alain. **Apresentação do tema do IX Congresso da Associação Mundial de Psicanálise.** Buenos Aires, 2012.

QUINTANEIRO, Tânia. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber.** 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

STRAUSS, Claude Lévi. **Antropologia estrutural dois.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda, 1993.

ZIZEK, S. O espectro da Ideologia. In: ZIZEK, S. (Org.). Um mapa da Ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010, p. 7-38.